Anno 1.º | Quinta-feira, 25 de Janeiro de 1912 | Numero 51

A LIBERDADE

Secretario e Redactor — Ruy da Cunha e Costa

Composição e Impressão — TYP. SILVA (a vapor)
AVEIRO

Jornal Republicano

Director, proprietario e editor
ALBERTO SOUTO

Administrador — Pompilio Ratolla

Redacção e Administração — Avenida Bento de Moura
AVEIRO

MUSEU AVEIRO BIBLIOTECA (Avença)

A questão clerical

Instrucções couceiristas.—A indifferença do poder clerical perante as fórmas de governo.—Apenas o interesse!—A ambição vaticanista.—Abaixo a Republica!—O plano.—A guerra santa.

Ex.mo *Snr.*— **As declarações da grande maioria do clero** *que leio nos jornaes, levam-me a suppor que ahi se prepara uma resistencia contra a tyrannia demagogica que nos domina. E como a união faz a força, dirijo-me a V. Ex.ª para lhe perguntar se não se figura vantajoso tratarmos de um entendimento. Seria bom, parece-me, a conjugação de esforços, quer com respeito á fórma de acção, quer com respeito a momentos de actuar.* **O golpe que d'aqui se prepara convem precedel-o por agitações e conflictos,** *por fórma que não provoquem repressões violentas desde logo, mas, dêem a ideia (aliaz verdadeira) de que todo o paiz se encontra em estado revolucionario latente, e* **incommodem e atrapalhem o governo e introduzam portanto a confusão, a hesitação, o enfraquecimento nas medidas de defeza que elle está procurando adoptar.**

Visto a altura em que temos os nossos preparativos, essas agitações e conflictos locaes podiam ir principiando desde já, e em tal sentido escrevo hoje, mesmo, a alguns influentes do norte. Se V. Ex.ª concorda, peço a sua valiosissima cooperação e impulsão n'este sentido. Sou com a maior consideração e sympathia—De V. Ex.ª adm.or e am.º mt.º obrig.º — (a) **H. Paiva Couceiro.**

Esta carta, lida á Assembleia Constituinte, como prova da traição do bandido mór da Galliza, é uma revellação, um jacto de luz lançado sobre a agitação clerical.

A resistencia contra a lei de separação, não tem sido mais que o pretexto para produzir as taes *agitações e conflictos* desejados. Os padres rebeldes, instigados pelos bispos, que como se sabe estão quasi todos nas mãos da Companhia de Jesus, não procuravam mais que incommodar, perturbar e levantar difficuldades á Republica, para favorecerem a conspiração couceirista.

Ao clericalismo, e quando dissermos clero leia-se sempre *clericalismo*, importava pouco a fórma de governo se o tivesse na mão e á vontade dispozesse dos destinos do paiz. O clero era monarchico, porque a monarchia o deixava á larga e repartia com elle o cadaver da nação.

E' certo que á egreja, oppressora e tyrannica, prégando a theocracia e o despotismo, convem mais a fórma monarchica que a republicana. Mas a fórma, a doutrina politica para elle nada vale, comtanto que os interesses sejam satisfeitos.

E' verdade que ás doutrinas do evangelho nada importam as fórmas politicas e se n'este campo o clero collocasse a questão, bem estaria. Mas o clero, que não sabe *dar a Cesar o que é de Cesar*, não abdica dos seus interesses, e por elles tudo sacrifica, até a propria doutrina de Jesus. Ao que elle olha, é ao interesse e se uma monarchia absoluta lhes contraría e prejudica as veleidades, elles combatem-a. Se uma monarchia constitucional o mesmo faz, elles da mesma fórma combatem o regimen representativo. Se uma Republica assim procede, elles combatem a Republica e então conspiram por aquillo que mais conveniente lhes fôr e melhor os favorecer.

Filippe II, o catholicissimo Filippe II agradava-lhes? Eis que o clero jesuitico em 1580 lhe prepara a entrada em Portugal, atraiçoando a Patria Portugueza. Pedro IV tinha por si os liberaes? O clero foi miguelista. Mas em França a 3.ª Republica inclinou se para elle, cahiu-lhe nas mãos? Eil-os por toda a parte fazendo de republicanos, infiltrando-se no organismo politico, trabalhando por se apoderar por completo do exercito, do funccionalismo, de toda a Republica.

Em Portugal elle adheriu tambem. Bispos e padres prometteram ajudar a Republica, não lhe crearem difficuldades. Seriam republicanos tambem. E seriam mais republicanos que ninguem, se a Republica, em vez de realisar as aspirações populares e o pensamento anti-clerical do partido, continuasse a animal-o, deixando-o formar um estado dentro do estado e dispôr dos destinos da nação a seu talante.

Fez o contrario a Republica.

Expulsou as congregações e os jesuitas. Deu um golpe fundo no poder reaccionario. Separou o Estado da Egreja. Fez o registo civil. Acabou com as congruas. Libertou o povo d'essa rede de officios de defuntos e outros absurdos a que as leis o forçavam. Deixou a egreja entregue a si mesma. A religião confiada apenas á expontanea devoção dos fieis. Tirou ao clero todas as veleidades de dominio material, de força, de poderio. Eis porque o clero se levantou contra a Republica.

Lançar mão das novas instituições seria difficil, impossivel. Apezar de alguns republicanos se lançarem nas suas mãos, atraiçoando o seu partido, as suas tradições e os seus deveres, apezar de muitos pescadores de aguas turvas se prestarem a *fazerem-lhe todo o jogo* fingindo de republicanos, a reacção clerical reconheceu que lhe era impossivel apoderar-se do regimen e transformal-o n'uma republica theocratica, em que o presidente beijasse o pé ao patriarcha e os governos fossem de opa ás procissões.

A unica esperança então foi a volta da monarchia. Foi a restauração. Foi o regresso dos saudosos tempos idos em que rei e côrte, governo e auctoridades, codigos e tribunaes, tudo lhe prestava obediencia e se empregava em sua defeza.

E a reacção deitou-se então a conspirar contra a Republica. Uma contra revolução, seria a melhor das ideias. Couceiro entrando triumphante pelo paiz fóra, o povo das aldeias amotinado contra as auctoridades e fazendo uma especie de *Vendêa*, os padres depois a receberem as prebendas e as pagas do movimento, ficando os senhores absolutos dos povoados, os republicanos varejados a tiro e pendurados das forcas, isto ficar tudo então uma provincia papal, um dominio do Vaticano, com o Papa por dono, o jesuita por fiscal e o padre por senhor, eis o pensamento.

E então Papa e jesuitas, bispos e padres, monarchicos e beatas, miguelistas e reaccionarios de todos os matizes lançaram-se na guerra, promovendo toda a casta de agitações, para facilitarem a invazão couceirista e a restauração da monarchia. Com quem? Com D. Miguel? Com D. Manoel? Com qualquer principe estrangeiro? Não importaria. D. Manoel, o mais inepto, era o que melhor servia. Mas se outro viesse, não importava.

O que importava era acabar com a Republica. O que importava era que a egreja, o velho poder ecclesiastico, o escalracho jesuitico se apoderasse novamente do individuo, da familia, da creança, da mulher, da educação, da lei, do estado e continuasse na orgia de abuso de outros tempos.

Desde então, guerra á Republica, foi a ordem. Como trataram de a cumprir? Uns pegando em armas e conspirando abertamente. Outros levantando as maiores difficuldades á lei de separação.

Começou-se então a fazer a guerra santa desejada pelo traidor da Galliza.

Entretanto a reacção protestava não querer desacatar as leis, nem desrespeitar os poderes constituidos.

A hypocrisia jesuitica mais nojenta, juntava-se á traição mais revoltante. E o clero, em parte contrariado, em parte sem enthusiasmo, em parte apenas por obediencia aos bispos e levado por aquelle mais retrogado, mais ambicioso e mais pervertido, lançou-se na guerra que ahi temos visto erguer-se contra nós.

CONFRONTANDO

Em 1821, havendo a Regencia do Reino mandado jurar a constituição por decreto de 9 de março do mesmo anno, o patriarcha D. Carlos da Cunha, na occasião de se prestar o juramento solemne, enviou o principal Silva com procuração para jurar em seu nome mas com *restricções*.

Com tal condição não foi acceite o juramento, e a Regencia deu ordem para que se expulsasse o patriarcha. Com effeito, em 21 de maio de 1821 sahiu para Bayona, de onde só regressou em 1823 pela queda do regimen constitucional com os acontecimentos de Villa Franca.

Mas não foi só aquelle; ha mais ainda.

Por ordem das mesmas côrtes foi desterrado para o Bussaco o arcebispo de Braga, D. Miguel da Madre de Deus. Foi preso no seu paço a 13 de março de 1823 e para alli conduzido por uma escolta de cavallaria.

D. Bernardo Bernardino Beltrão, bispo de Pinhel, foi tambem desterrado para o Bussaco, por ter ido visitar o patriarcha D. Carlos quando se dirigia para França e passava em Pinhel.

Joaquim Placido Galvão Rolma, prior de Monsaraz, deputado ás côrtes em 1822 e 1826. Foi preso em 1828 e remettido para a torre de S. Julião da Barra, d'onde só sahiu no anno seguinte para ir cumprir o resto do degredo no Bussaco.

O procedimento d'aquelles e outros *ministros do senhor* fez com que se promulgasse um decreto pelo qual se declarou que todo o portuguez, que recusasse jurar simplesmente a constituição ou as suas bases, deixava de ser cidadão e devia sahir immediatamente do reino.

E ainda ha quem proteste contra as penalidades impostas ao patriarcha e aos bispos portuguezes que desrespeitaram a lei de separação!...

Companhias de seguros

Aos snrs. Francisco Antonio Meyrelles e João Campos da Silva Salgueiro, representantes das importantes companhias de seguros Nacional e Fénix, agradecemos os exemplares dos Calendarios que nos enviaram, que como brindes acabam de offerecer aos seus freguezes.

A Republica é de todos os portuguezes

mas não póde ser um regimen de baixa capitulação perante os bandos monarchicos

Mas uma coisa é dizer e confessar que a Republica se fez, como solução logica e natural, para todos os portuguezes, outra é consentir, ou sequer admittir, que ao grupo, ás facções, aos bandos dos que até 4 de outubro de 1910 se diziam ao serviço do rei e do regimen monarchico, vão os dirigentes da politica nacional, republicana, aquelles em cujas mãos estão entregues n'este momento os destinos da Patria, buscar, solicitar ou convidar as intelligencias, intenções e valia de merecimentos, que por este baixo acto de capitulação e de miseria moral iriam confessar que no seu seio não possuem.

José Caldas.

UM CRIME CONTRA A PATRIA!

O Golpe de Estado

—(*)—

Oh! Pit, eu presto homenagem ao teu talento!

Camilo Desmoulins.

Clamou assim a voz sonora e eloquente d'essa bella figura da Revolução, nos momentos mais graves do terror.

Começou assim um dos seus immortaes artigos no seu *Velho Cordelier*, o grande Camilo Desmolins, pretendendo deter a onda de loucura sangrenta que mais e mais avançava sobre a França, ameaçando a Republica e favorecendo a reacção fomentada pela Inglaterra a cujos destinos presidia então o genio de Pit.

Esse grito, grito de alma, em que ha uma ironia amarga, o mais angustiado dos desesperos, queimava por certo os labios de Desmoulins ao solta-la.

A morte caminhava para elle, a guilhotina pedia a sua cabeça, e por entre a nevoa da morte via o grande republicano aproximar-se a reacção termedoriana, a perda da revolução, a inutilisação de tão grandes sacrificios de uma geração inteira.

Oh! Pit, eu presto homenagem ao teu talento!

Camilo Desmoulins, a curvar-se perante a figura de Pit!

Camilo Desmoulins, o grande patriota, o tremendo inimigo do potentado inglez!

Pois bem, somos o que somos. Nem temos nada, nem a Historia jámais registará os nossos passos. Mas não registará tambem a nossa cobardia. Não ficaremos com gloria, mas liquidaremos com honra.

A vergonha, a ignominia do nosso nome, não avermelhará nunca a face d'aquelles a quem o sangue, o amor, ou a afeição nos tenham ligado.

Cahiremos, na vida ou na morte, na grandeza ou na mizeria, na desgraça ou no esquecimento, no montão de uma rua ou na terra sagrada de um campo, na aldeia em que nascemos, ou longe da Patria que nos gerou, no seio carinhoso do nosso povo ou na terra estranha negra e ingrata do exilio; mas que uma mancha cáia sobre o nosso nome, não! que a covardia perante um crime, a culpabilidade do silencio que seja, com um attentado contra a Republica, venha escorrer como um fio de vitriolo por cima da nossa memoria, não, mil vezes não!

Deu nos o povo um mandato. Havemos de leva-lo a cabo. Sem rasgos que deslumbrem, mas com a consciencia da honra e do dever, que consola e dignifica. Sem triumphos retumbantes, mas sem nenhuma traição que nos amaldiçoe.

Por isso falamos. Falamos alto. Denunciamos o perigo que a Patria corre, que corre a Republica. Para que todos se acautelem e todos o conheçam.

Prepara-se contra a Republica um golpe de estado. N'essa tentativa criminosa entram republicanos degenerados, cheios de ambição, eivados de despeitos.

Criminosos que abusando dos logares que teem na Republica estão mancomunados com os peores inimigos do regimen, para vender e derrubar a Republica.

Mizeraveis sem consciencia, para satisfazerem os seus caprichos, não duvidam anarchisar a sociedade, indisciplinar o exercito, perder o paiz.

Mizeraveis sem consciencia que não querem ver que o golpe de estado, é a guerra civil, a abertura dos pronunciamentos, a dissolução militar, a ruina economica, a perda das colonias, a quéda da Republica, a intervenção do estrangeiro, a perda da nossa independencia!

Mizeraveis, mil vezes mizeraveis!

Traidores, mil vezes traidores!

Baixissimos bandidos, baixissimos quadrilheiros!

Ah! que chegou a hora de rendermos tambem homenagem ao bandido da Galiza. Que a memoria de Pit nos perdoe, que não comparamos a sua grandeza, com esta ignominia. Que nos perdoe!

Mas chegou tambem a hora de nos curvarmos, com a garganta estrangulada pela dôr, perante o maior dos inimigos da nossa Patria, perante essa figura mil vezes abominavel, mil vezes repelente, baixa como a baixeza, nojenta como o nojo, asquerosa como a podridão e as fezes, grotesca e imbecil como um D. Quixote, feita de gangrena e malvadez!

Paiva Couceiro! salteador da tua Patria, traidor infame, galeriano fugido á golilha, eu presto homenagem á tua ignominia!

Ha cá dentro gente mais mizeravel do que tu, mil vezes mais sordida do que a tua sordidez!

Temos cá dentro, oh! vendido, genio da traição, quem

satisfaz os teus desejos e cumpre soberbamente os teus designios!

Rendo-te homenagem, oh! Paiva Couceiro!

Ha ahi qnem se dizendo ainda republicano, é teu servidor, teu arauto, teu precursor, teu cumplice, mais requintado na malvadez e na perfidia!

Paiva Couceiro, eu presto homenagem á tua mizeria!

Paiva Couceiro, eu presto homenagem á tua traição!

As novas installações da "Liberdade,,

Continua a trabalhar-se activamente, nas novas installações da *Liberdade*.

E' de esperar que em principios de Março, este jornal possa já apparecer completamente refundido com um aspecto inteiramente novo e com uma informação completa de Portugal e do estrangeiro. A pouco e pouco e com a collaboração que temos assegurada, de alguns dos nossos primeiros homens de letras, a *Liberdade* tornar-se-ha um dos jornaes mais interessantes da provincia.

A casa que alugámos na rua dos Tavares, isto é, no ponto mais central da cidade, possue em baixo um espaçoso armazem onde installaremos as nossas officinas de composição e em cima, nos dois andares, explendidas salas que destinamos á Redacção e Administração da *Liberdade*. Conforme dissemos no nosso ultimo numero de Março em deante, este jornal publicar-se-ha com 6 paginas e informará todos os dias por *placard* de todos os acontecimentos de sensação que se derem no norte ou no sul do paiz.

Brevemente publicaremos a relação das interessantes secções que este jornal se propõe crear, para poder corresponder ao favor que o publico lhe tem dispensado. E assim a *Liberdade* será alem de um dos jornaes da provincia de mais completa informação, aquelle que pelo seu numeroso corpo redactorial poderá offerecer leitura mais interessante e variada.

CHRONICA DE PARIS

A ultima Carta

Uma das coisas que mais admiro em França, e que contrasta com os seus defeitos que não cesso de flagellar, é o ardente patriotismo que anima todos os francezes, logo que a menor sombra de perigo lhes apparece ás portas. A's vezes é um patriotismo exaggerado, curanesco, romantico e que, em certas occasiões, chega a ser grotesco e intoleravel por fanfarrão; mas com essas mesmas exaggerações, torna-se em certos momentos sympathico e merece applausos e louvores. Assim mesmo, um tal patriotismo é uma prova evidente de que os francezes, que em outras coisas são insupportaveis, sabem entender-se, quando se trata de apreciar e defender o patrimonio commum de todos os cidadãos: a honra nacional, as glorias passadas e actuaes, a riqueza e a independencia do paiz, isto é, tudo quanto póde manter o prestigio, o poder moral e material da França perante o mundo e a historia.

Estou firmemente convencido de que sem esse acendrado e admiravel patriotismo, contra o qual, em vão, pretendem fincar o dente todos os sequazes do herveismo, a França, hoje, nas circumstancias criticas que está atravessando, acaso se visse em perigo imminente de succumbir n'uma grande catastrophe, toda a gente o presentiu, e todos os que amamos deveras este paiz, pois não é odio nem desamor o facto de denunciar os seus erros e ridiculisar os seus vicios, sentimos ultimamente um estremecimento de profunda tristesa, ao vermos como se iam amontoando no horisonte as negras nuvens, no meio das quaes se estava forjando o raio que havia de principiar, estallando o incendio geral. Eu não quereria fallar em politica n'esta chronica; a politica, tal como a entendem hoje a maioria dos que de ella se occupam, já não tem para mim attracção alguma; antes me causa horror, pois por muito que volte o olhar para todos os lados, não vejo mais que sectarismo e exploração, fanatismo e concupiscencia. Alguma coisa, porém, hei-de dizer do estado de coisas da França e da grande crise que está atravessando, sobretudo sob o ponto de vista da sua politica nacional e da sua politica estrangeira.

Devo resumir para ser breve, de sorte que estas linhas, que escrevo de impressão e ao correr da penna, como commentario do successo principal da actualidade, não passarão d'um simples esboço do muito que eu pudera dizer, nas presentes circumstancias.

Cahiu o ministerio Caillaux; mas, na realidade, quem deu com elle por terra foi o presidente do ultimo governo. Esse homem intrigante e ambicioso, verdadeiro *arrivista* da terceira Republica, pelintra hontem e hoje mais que millionario, sem outro talento do que o d'um astuto homem de negocios, chegou á presidencia do governo sem nenhum prestigio de homem de Estado, que pudesse justificar-lhe a elevação a tão alto posto. O governo do paiz foi para elle um pretexto para augmentar-lhe a situação. Toda a gente o sabia aqui e comtudo toleraram-no durante seis mezes. Parece incrivel. Antes de formular o convenio com a Allemanha, já elle se tinha entendido secretamente com os que podiam cohonestar os seus projectos em Marrocos, em troca de perder uma boa parte da dominação franceza no centro da Africa. Pela culpa de Caillaux, que comprometteu a França com offerecimentos cuja effectividade foi logo exigida pela Allemanha, esteve a França a dois passos d'uma guerra, que talvez tivesse sido para ella uma nova derrota e, com certeza, uma tremenda catastrophe.

Instigado ou inspirado por Clemenceau—o grande derribador de ministerios, como lhe chamam em França — de Selves, ministro dos negocios estrangeiros, viu-se obrigado a desmentir Caillaux quando este, deante da commissão do Senado, que devia dar informações do tratado franco-allemão, declarou, com cynica altivez, que nada tinha feito n'esta questão com caracter secreto e fóra do conhecimento do ministro de Estado. Existiam as provas do contrario; Clemenceau, que é homem prevenido, levava-as no bolso, e deante da deserção do seu proprio ministro e da terrivel accusação d'um antigo presidente do governo, que é um dos politicos mais prestigiosos da terceira Republica, Caillaux não podia ficar mais vinte e quatro horas á frente do ministerio. Demittiu-se de Selves e no dia seguinte demittiu-se todo o ministerio, por não ter encontrado Caillaux companheiro algum que quizesse acompanhal-o quando, por uma sorte de zombaria, o presidente Fallières lhe pediu que recompozesse o gabinete com novos elementos. Grandeza e decadencia; polos oppostos que se tocam, quando chega a hora da expiação e da justiça...

Caillaux, porém, ao cahir tão ruidosamente e no meio de geral desprezo, sem que se haja levantado no paiz uma unica voz para defender esse ministro de negocios... particulares, deixou uma triste herança e é mister liquidal-a. E n'essa liquidação, em que figura principalmente o tratado com a Allemanha, ainda não approvado pelo senado, está todo o perigo da situação presente. E' necessario approval-o, sem olhar para traz, para não provocar as susceptibilidades da Allemanha, e depois transigir nobre e dignamente com a Hespanha, para não perder-lhe a amizade nem a intelligencia com a Inglaterra. Assim o entendeu o presidente da Republica ao confiar a M. Poincaré, um dos homens mais cultos e ponderados da França, a formação do novo governo, no qual, por patriotismo e pondo de parte o amor proprio, entraram os politicos mais prestigiosos da França actual. Com este grande ministerio, a França joga a sua ultima carta e faço votos para que ella se saia victoriosa. . Só ficam na reserva e na espectativa Clemenceau e Jaurés, os dois irreconciliaveis da opposição, os dois athletas da palavra.

Paris, janeiro de 1912.

A. Vinardell Roig.

Vida militar

Encorporação dos novos recrutas em infanteria n.º 24:

Total dos encorporados, 391; total dos isentos, 197.

A junta de inspecção em infanteria n.º 24, procedeu com tanta dignidade que, de 232 recrutas que foram presentes á junta divisionaria em Coimbra, ficaram isentos 197 e apurados somente 35.

—— Por ordem telegraphica do commando da 5.ª divisão do exercito, foram transferidos para o regimento de infanteria n.º 30, em Bragança, para onde seguiram immediatamente, os snrs. tenentes de infanteria n.º 24, Francisco Gomes Duarte Pereira Coentro e Alvaro Colen Godinho.

—— Foram colocados no 3.º batalhão de infanteria n.º 24, em Ovar, os snrs. tenentes Romano Barnabé Ferreira, Arthur Coelho Nobre de Figueiredo e alferes Victor Hugo Antunes.

—— Em 22 do corrente apresentou-se em infanteria n.º 24, assumindo o commando do regimento, commando que lhe foi entregue com as formalidades do regulamento pelo snr. major Peres, o snr. coronel José Joaquim Peixoto.

—— Deixou o commando interino de infanteria n.º 24, o snr. major José Domingues Peres.

Presos politicos

Foram postos em liberdade os snrs. Aguiar, de Agueda, e padre Maçadas, de Nariz, que se achavam detidos no Convento das Carmelitas como suppostos conspiradores.

Fallecimentos

Falleceu em Lisboa, a snr.ª D. Maria d'Almada Figueiredo, filha primogenita dos snrs. Conde de Tavarede e irmã do nosso dedicado amigo e correligionario snr. D. Francisco Tavarede. A' familia enlutada e especialmente a D. Francisco Tavarede, os nossos sentidos pesames.

—— Em Aveiro falleceu tambem, na terça-feira, o snr. Antonio Loureiro, guarda livros da casa do snr. Antonio Coelho.

A' sua esposa e filhas, os nossos sentimentos.

RAMAL DE S. ROQUE

O nosso amigo e correligionario snr. dr. André dos Reis, foi encarregado pela Companhia dos Caminhos de Ferro de tratar amigavel e judicialmente das expropriações dos terrenos para construcção do ramal de S. Roque. Segundo nos informam, a companhia tem o maior interesse em que as obras comecem o mais rapidamente possivel, para que a cidade possa tambem em breve gosar as vantagens de tão util melhoramento.

THEATRO AVEIRENSE

A eleição de domingo. O presidente e secretarios da assembleia geral abandonam a sala, levando comsigo o livro das actas. O art.º 31 dos Estatutos responsavel pelos acontecimentos...

O assumpto de todas as conversas nos ultimos dias, tem sido o que se passou domingo, na assembleia geral dos accionistas do Theatro Aveirense.

Não estivemos n'essa assembleia; mas a conclusão a que chegámos depois de um consciencioso trabalho de investigação, ouvindo as duas partes em litigio, é de que se trata de uma questão politica, provocada por um redusido numero de accionistas que teima em não consentir que dos corpos gerentes do Theatro, façam parte individuos extranhos á sua *côterie*.

Esta inexplicavel selecção politica, provocou naturalmente o protesto dos accionistas republicanos, que se uniram para derrubar aquelles, que ha já bastantes annos se repetem constantemente na direcção do Theatro. Mas vejamos o que se passou, para com imparcialidade e crêmos que com justiça, darmos a nossa opinião sobre a causa do conflicto. A's 15 horas constituiu-se a mesa, tendo como presidente o snr. Alberto Catalá e secretarios os snrs. Luis da Naia e Albano Duarte Pinheiro e Silva. Depois de explicado o fim da reunião, levanta-se um pequeno incidente por se ter verificado que a acta da ultima sessão ainda não estava lavrada. O snr. dr. André Reis propõe um voto de censura á mesa. O snr. Joaquim Soares dá explicações e o snr. dr. André Reis pede para que fique exarado na acta o seu protesto.

A direcção apresenta o relatorio e a conta da sua gerencia, em seguida ao que o snr. presidente communica á assembleia que se vae proceder á eleição da mesa. N'esta altura o snr. dr. André Reis diz que visto os estatutos não serem claros na determinação do dia em que se deve realisar a eleição da direcção, propõe que a essa se proceda n'aquelle mesmo dia. O snr. presidente diz que não póde pôr á votação a proposta do snr. dr. André Reis, visto ella ser contraria ao art. 31 dos estatutos. E' n'esta altura que começa o conflicto. A intransigencia do snr. presidente levanta dezenas de protestos. Ha apartes causticos, erguem-se os braços, berra-se, barafusta-se e não ha fórma de se conseguir o silencio. Por fim conseguem a palavra alguns accionistas e entre elles o snr. Lima e Castro que n'um bello discurso condemna com correcção e entre calorosos applausos da assembleia, a fórma como se tem conduzido a presidencia.

O presidente insiste em principiar a eleição pelo que recrudesce o barulho, sendo por isso forçado com os secretarios a abandonar a sala. Tentam levar todos os livros da escripturação do Theatro, só conseguindo apoderar-se do das actas, por a assembleia não ter dado por tal. Segue-os um grande numero de accionistas, que por esse facto se abstem depois de votar. O snr. José de Pinho propõe então para a presidencia o snr. dr. André Reis, que por sua vez escolhe para secretarios os snrs. Alfredo Osorio e Maximo Junior. Feita a chamada e procedendo-se á eleição, verifica-se terem entrado nas urnas 83 listas.

As urnas foram em seguida lacradas e guardadas até segunda-feira de manhã, por uma força de infantaria 24. Na segunda-feira teve logar o escrutinio e a contagem de votos.

Os corpos gerentes do Theatro Aveirense, ficaram assim constituidos:

GERENCIA DE 1912 E 1913

Direcção—Manoel Marques da Cunha, Antonio Augusto da Silva, Manoel Lopes da Silva Guimarães, Julio Homem Christo, João Augusto da Silva Rosa, José Marques Soares e Antonio Henriques Maximo Junior.

Conselho fiscal, effectivos—Francisco Antonio de Meirelles, Manoel Barreiros de Macedo e Alfredo Osorio.

Substitutos—Bernardo Sousa Torres, Eugenio Ferreira da Costa e Domingos Martins Villaça.

GERENCIA DE 1912

Assembleia geral, presidente, dr. André dos Reis; vice-presidente, José da Fonseca Prat; secretarios, João Pereira Campos e Viriato Fernando de Sousa Marques e Silva.

—(*)—

Digamos agora com toda a imparcialidade o que pensamos sobre o procedimento do snr. presidente, que se recusou a pôr á votação a proposta do snr. dr. André Reis, com o fundamento de que era contraria aos estatutos.

Fis o que diz a convocatoria:

Em harmonia com os estatutos é convocada a Assembleia Geral para no proximo domingo, 14 do corrente, se proceder á eleição da Meza da Assembleia Geral para o corrente anno, da Direcção e Conselho Fiscal que hão-de funccionar durante o biennio de 1912 e 1913, e bem assim, apresentação do relatorio e contas da Direcção cessante.

Caso não compareça n'este dia numero legal de accionistas, fica desde já convocada a assembleia para o dia 21 seguinte, á mesma hora.

Egualmente se convoca a assembleia para discussão e votação do parecer do Conselho Fiscal no dia 28 do corrente, e não podendo funccionar legalmente n'este dia, fica desde já designado o dia 4 de fevereiro proximo para discussão definitiva do referido parecer.

Estas reuniões effectuam-se todas na séde da Associação Commercial e Industrial de Aveiro, rua 31 de Janeiro (antiga rua de Santa Catharina), em qualquer dos dias designados, pelas 15 horas.

Aveiro, 8 de janeiro de 1912.

O Secretario da Assembleia Geral,

Luiz da Naia e Silva.

A convocatoria não podia ser dirigida pelo snr. Luis da Naia e Silva. O art. 34 dos estatutos é claro:

São attribuições do presidente da assembleia geral:

1.º—Designar os dias e horas das reuniões extraordinarias e da segunda ordinaria annual e *dirigir as convocações*.

Nem se comprehende mesmo, que o snr. Catalá tivesse um criterio ao dirigir a convocatoria e outro ao presidir á assembleia geral. Mas o certo é que da convocatoria consta que a assembleia geral reune para a eleição da mêsa da *Direcção* e do Conselho Fiscal. Qual o significado de tudo isto? Mais abaixo o diremos.

O art.º 31

Na primeira reunião terá logar a eleição da mêsa e apresentará a direcção o seu relatorio e a conta de sua gerencia devidamente documentada e acompanhada do parecer do conselho fiscal: na segunda será esse parecer discutido e votado; e de dois em dois annos, n'aquelle em que tiver findado o biennio do exercicio dos corpos gerentes da sociedade, proceder-se-ha *tambem* á eleição da direcção e do conselho fiscal.

—(*)—

Evidentemente este art.º não póde ter, segundo o nosso humilde modo de ver, senão a interpretação que lhe deu o snr. Catalá. Trata-se de uma questão de grammatica e não de uma questão juridica. O ponto e virgula e o *tambem*, indicam claramente que a eleição da direcção se deve fazer na segunda reunião da assembleia geral. Isto não justifica, porém, o procedimento do snr. Catalá. Nos seus casos e desde que se levantavam duvidas sobre a interpretação dos estatutos, teriamos posto á votação a proposta do snr. dr. Andre Reis, deixando á assembleia a resolução do conflicto.

Em ultimo caso, lavrariamos o nosso protesto contra a resolução da assembleia e continuariamos os trabalhos como se nada se tivesse dado. Mas os amigos do snr. Catalá, contavam que a eleição da direcção se realisasse n'aquelle dia.

A redacção da convocatoria, torcendo a letra dos estatutos, e o facto de todos os accionistas irem munidos das suas listas, demonstram-no á evidencia. Ha ainda um outro acto praticado pelo snr. Catalá que prova que sua ex.ª não tinha a intenção de dirigir os trabalhos com aquelle espirito de imparcialidade, com que tem presidido a muitas outras reuniões.

Segundo nos informam, foi apresentada uma proposta que para o snr. Catalá era uma suspeição. Pois o snr. Catalá não acceitou essa proposta. E' um caso unico, n'um presidente de uma assembleia geral.

Falta-nos o espaço para tratarmos do assumpto mais desenvolvidamente.

Para terminar diremos que tudo se teria evitado, se o snr. Catalá procedendo com imparcialidade pôe á votação a proposta do snr. dr. André dos Reis. Nenhum interesse havia da parte dos republicanos, em provocarem um conflicto. Antes pelo contrario se esforçaram para o evitar e se o não conseguiram, foi porque o snr. Catalá e os amigos do snr. Catalá o não quiseram. Ao contrario do que se tem dito, todos os republicanos que ali se encontravam como pessoas educadas que são, só desejariam, mesmo que não tivessem a certesa da victoria, que tudo corresse na melhor ordem.

E' de justiça dizer-se, que o snr. Joaquim Soares foi o unico do seu grupo, que concordou em que a proposta do snr. dr. André dos Reis fosse posta á votação.

P. S.—Acabamos de saber que os snrs. drs. Joaquim Fernandes, Paulo Falcão e Adriano Anthero, estão em absoluto accordo com a opinião do snr. dr. André Reis.

Ao snr. director do Correio

Consta-nos que o snr. Cidraes se melindrou com o que aqui dissemos no nosso ultimo numero, sobre a fórma como era feito o serviço de conducção da mala-postal, entre a estação d'esta cidade e a Gafanha da Nazareth. E' claro que não quizemos com essa local ferir o illustre funccionario, que por todas as razões nos merece a maior consideração.

Os christãos novos, os novos republicanos e o seu passado

E' preciso que o povo não durma, nem confie em tanto moiro convertido. Sejam republicanos muito embora, mas sejam-no nas mesmas condições com que entre nós os hebreus foram christãos, desde o seculo XVI até o seculo XVIII, isto é, *novos republicanos*, tal como os outros, que para se differenciarem dos *velhos*, se lhes impunha que fossem *christãos novos*. Esperem pelo presumivel Pombal que os integre na familia democratica, como dentro da sociedade civil os integrou, os novos e velhos christãos, o ministro de D. José.

Até então iremos passando sem o seu saber, que não dou grandes clarões nos dias da realeza; e tambem sem a sua previdencia, que nenhuma tambem mostrou, visto que a monarchia se perdeu e prostituiu.

José Caldas.

Registo

Noções de gramatica e Conjugações de Verbos, por *Filippe d'Oliveira.*

E' mais um livro de grande utilidade para quem quizer conhecer a nossa lingua.

O seu auctor, natural da villa d'Ilhavo, é alli immensamente apreciado, pela sua vasta illustração e poderosas faculdades de trabalho.

Chamamos a attenção dos estudiosos para a obra do snr. Filippe d'Oliveira, que nas letras tem já o logar de destaque, que lhe asseguraram os seus muitos merecimentos.

Agradecemos, reconhecidos, o exemplar que nos foi enviado.

Pelo districto

Agueda, 21.

Voltêmos ao assumpto principal da nossa ultima correspondencia—mudança de repartições e convergencia de todas as influencias para a praça Conde de Sucena.

Lembra-nos agora que logo apoz a proclamação da Republica, foi desejo de algumas pessoas que o mercado dos cereaes passasse a fazer-se na praça Conde de Sucena. Já então principiava a desenhar-se a ambição de certas individualidades...

Para alojamento do batalhão—magnifico melhoramento que a Manoel Alegre se deve—tiveram de abandonar o edificio proprio, a camara, o tribunal, a administração, o juizo de paz e o registo civil. Pois para a instalação de todas essas repartições, foram alugadas varias casas, mas todas ellas na praça Conde de Sucena. Ainda n'essa occasião não tinhamos a certesa do odioso monopolio e por isso não fallámos. Ha dias porém soubemos que iam ser retiradas da praça da Republica, como foram, a repartição de fazenda e recebedoria, para sêrem instaladas na praça Conde de Sucena. N'isso vimos então o proposito ruim e d'elle tivemos a certesa quando lêmos na *Independencia* que o correio ia ser mudado da praça da Republica, para a praça do monopolio. Era o correio já a unica repartição que n'aquelle local existia. Ainda assim, resolvêmos ouvir o digno encarregado do correio, sobre o caso—não fossemos nós censurar um faco que era naturalissimo.

Perguntámos pois ao referido empregado, se com effeito elle havia espontaneamente pedido a mudança da repartição.

Disse-nos que ha tempo, um politico local, lhe perguntou se o correio estava alli bem instalado. Respondeu que a casa não era muito hygienica mas não estava mal. O referido politico disse-lhe então que *desejavam muito ter o correio lá em cima* e passado algum tempo, sem absolutamente nada mais se ter passado com o encarregado da estação, appareceu na *Independencia* a noticia de que aquelle empregado havia superiormente pedido a mudança da repartição do correio!

Estes factos trazem descontentes, e com toda a razão, os moradores da praça da Republica e ruas proximas. Querer abandonar ou fazer morrer, um local que é o mais formoso e melhor situado da villa, para fazer florescer um outro, só pelo facto de com isso se promoverem interesses pessoaes, é tudo o que ha de mais odioso e perverso.

Contra isso protestamos e protestarêmos com toda a energia e os meus correligionarios de Agueda hão-de reconsiderar e emendar o erro, se não quizerem que o seu prestigio se afunde para sempre. Que haja duzias de pessoas a reconhecerem e a dizerem publicamente, com toda a jusfiça, que a monarchia nunca os feriu nos seus legitimos interesses e nos seus direitos tanto como a Republica, é isso o que nos custa e é isso o que nos dóe. Demais, podendo-se facilmente evitar essas malquerenças sem prejuizo de ninguem.

Existe ahi essa vergonha do caminho de ferro. E' a maior vergonha que póde acompanhar um melhoramento. Passa-se em Agueda, occulto.

A linha está enterrada a dez metros de profundidade. Podendo ser bella é horrivel, e isso deve-se á ultima camara progressista. Essa camara devia empenhar-se. devia ficar a pedir, mas nunca devia consentir n'essa miseria, n'essa horrivel asneira. Preferiram gastar doze contos na edificação de uma penitenciaria que é outra vergonha, a interessarem-se por um melhoramento de grande alcance, que era uma honra. Pois em cima de asneira outra asneira. A companhia é avára. Não quer fazer despeza em attenção á esthetica. Tudo lhe serve.

Em vez de construir uma saida regular da estação, construiu uma saida péssima a desembocar na rua da Venda Nova. De principio suppozémos que o engenheiro encarregado d'essa obra, tinha sido instado pelos do monopolio para a abertura d'aquella saida, a fim de canalisar a concorrencia para a praça d'elles. Soubémos mais tarde que tinham sido ordens da companhia e ficámos a pensar se ella teria sido *abanada*... Não sabemos. Sabemos que houve miseria sobre miseria, porque podendo fazer-se a saida, sem maiores despezas, pela magnifica estrada nacional que conduz á praça da Republica, fez-se pelo bairro da Venda Nova que conduz á praça do monopolio. O bairro da Venda Nova está para Agueda, como Alfama está para Lisboa. Pois apezar d'isso fez-se a passagem obrigatoria por ali e ainda ninguem protestou contra tão repugnantissima vergonha. Ha dias vieram de visita a esta terra, umas senhoras de Oliveira de Azemeis. Ao passarem no bairro da Venda Nova, foram alvo de chufas e improperios varios por parte d'alguns moradores d'ali e esse facto indignou enormemente, algumas pessoas educadas que perto vivem.

Que ideia fariam essas senhoras dos habitantes d'esta terra? Para que se prejudica pois o bom nome d'esta nossa querida terra d'Agueda?

Pensêmos e remediemos, que ainda é tempo de acudir ao mal que tanto nos prejudica. Se não, ponhâmo-nos á lambada uns aos outros e acabêmos com *isto.*

Armando Castella.

Moitinhos, 20—1—912

A memoravel e grandiosa manifestação liberal a contrapôr á provocação reaccionaria do dia 1.º, no paço de S. Vicente, mostrou bem quanto o povo sabe, quer e póde impôr-se aos poderes publicos, quando estes não queiram cumprir as leis; assim como quando sejam cumpridas e os deliquentes castigados, essa mesma *canalha* (como alguns lhe chamam), mostra como no dia 14, quanto adora a Republica, capaz de toda a casta de sacrificios para a sua consolidação, e sempre vigilante quando hajam arremettidas aos seus brios de liberalismo. D'um lado ergue-se a sotaina negra e rôxa, com toda a hypocrisia; do outro já não impera o throno cambaleante, mas o emblema—encarnado e verde—que symbolisa uma patria em plena Liberdade.

Chegou agora a vez do Direito dizer de sua Justiça, contra a força bruta e provocadora. Estamos n'uma constituição de luz contra as trevas, luz essa que, como não está debaixo do alqueire, nunca se apagará.

Emquanto tivermos no poder homens da envergadura do dr. Antonio Macieira, as leis libertadoras que nos cortaram os grilhões clericaes-jesuiticos, podemos ter a certeza e a maior confiança que serão cumpridas e os delinquentes castigados, por emquanto docilmente, mas mais tarde, o povo provinciano com outra *escola*, o castigo será então como melhor o merecerem.

Quem quizer comparar a benignidade dos castigos d'agora, que os bispos recalcitrantes receberam, com os castigos que n'outras éras os seus collegas e papas tiveram, é ler a historia d'essa seita mercadejante, que pouco falla para apregoarem em praça publica e mercados, elixires para a salvação das almas, rheumatismo, dores nervosas, cabeça, estomago, barriga, bexiga, etc., etc.

Como não podessemos assistir a essas deslumbrantes manifestações, principalmente onde tocaram as raias do delirio—Lisboa e Porto—mesmo d'aqui, d'este cantinho *enlameado*, á beira dos pinheiraes plantado, livre de *corujas*, mas ouvindo ás vezes o piar do *mocho*, ave agoureira, bradamos: *Viva a Liberdade! Abaixo a reacção!*

— Segue brevemente para o Rio de Janeiro, o nosso amigo e companheiro nas lides tormentosas da vida, João Nunes Pinguello. Desejamos que alcance a felicidade que deseja n'aquellas longinquas paragens, livre de olhares odiosos e corações viperinos.

— Victimada aos estragos da coqueluche, sepultou-se no dia 15, uma filhinha do nosso collega Antonio da Silva Peixe. No prestito encorporaram-se quasi todos os seus collegas e mais amigos.

— Falleceu tambem na Ermida, com a destruidora tuberculose, a esposa do nosso amigo Francisco Teixeira, habil esculptor na fabrica da Vista Alegre.

— Com uma congestão cerebral, falleceu quasi repentinamente, José Ruivo, negociante de vinhos, muito estimado na Vista Alegre, onde encetou a carreira n'aquelle ramo de negocio.

Os mortos que descancem em paz e damos os sentidos pezames ás familias enlutadas.

— No dia 15, estavam os devotos dos Santos Martyres com os seus farneis preparados, constando sempre do mimoso e tradicional salpicão ha pouco ainda sahido do fumeiro, para fazerem o trajecto áquella romaria, em Travassô, na madrugada seguinte, uns, para satisfazerem as promessas áquelles *milagrosos santinhos*, outros, os mais noveis, não ligados por matrimonio, para tagarelarem mais á vontade, sem peias da familia, agradando sempre a longitude para tal fim. Estes passeios são sempre agradaveis na estação calmosa e faceis de realisar, mas de inverno succede muitas vezes ficarem gorados; d'esta vez foi o que aconteceu. Tenham paciencia, são coisas da vida que tambem devem ter na conta de milagres.

— No proximo dia 27, faz dois annos o pequeno do nosso amigo Antonio da Rocha Lino, operario na fabrica da Vista Alegre. Os paes e avós que contem sempre essas eras com alegria.

— Convidamos qualquer membro da Camara Municipal de Ilhavo para dar por aqui um passeio até á Capella, mas desde já avisamos que venha de dia, porque de contrario ficará por alli sepultado até que appareça soccorro, que ás vezes não será muito facil!!

Poderá aquella sepultura deixar de existir?

Suzano.

Alquernbim, 19—1—912.

Teve hontem logar n'esta freguezia o funeral do snr. José Dias dos Reis, pae do snr. Manoel Dias dos Reis, proprietario e capitalista. O enterro foi muito concorrido e assistiu a elle a musica Velha de S. João de Loure. Houve missa e officio de corpo presente.

A egreja estava toda vestida de preto. O extincto contava noventa annos completos e já caminhava para os noventa e um. Estava ha muito com seu filho Manoel que o estimava como se deve estimar um bom pae, como foi o snr. José Dias dos Reis, que foi sempre muito trabalhador e honrado, legando um bom nome a seus filhos. Que descance em paz.

— Reina o descontentamento no povo d'esta parochia, por terem parado as obras da egreja, para as quaes ha dinheiro destinado para aquelle fim ha mais de 30 annos. As verbas para estas obras já estavam aprovadas no orçamento do anno anterior, mas por falta de tempo e do grande inverno, não póde a obra ser concluida até 31 de dezembro findo.

— Chegou da Africa o snr. dr. Arnaldo Lemos.

C.

A LIBERDBDE vende-se em Aveiro, no kiosque á Praça Luiz Cypriano.

Theatro Aveirense

CINEMATOGRAPHO

Sabbados e domingos, terças e quintas-feiras

Sempre estreias

Fitas de grande sensação fornecidas pela casa «Pathé»

As melhores e de maior exito em todo o mundo

Annuncios

Citação-Edital

(2.ª publicação)

PELO juizo de direito da comarca de Aveiro, cartorio do escrivão do quinto officio, Christo, que este assigna, correm seus termos uns autos de inventario orphanologico a que se procede por obito de José Simões Paxão, casado, morador que foi no lugar da Costa do Vallade, freguezia da Oliveirinha, e em que é inventariante Maria Simões Cardosa, viuva do fallecido, residente n'aquelle lugar.

E, sem prejuizo do andamento dos mesmos autos, correm editos de trinta dias, a contar da publicação do segundo e ultimo annuncio, a citar o interessado Antonio Simões Paxão, solteiro, de maior edade, criado de servir, ausente em parte incerta nos Estados-Unidos da Republica do Brasil, para assistir a todos os termos até final do referido inventario e deduzir a opposição que tiver por meio de embargos ou impugnação, nos termos dos artigos 697.º, 698.º e 699.º do Codigo do Processo Civil.

Aveiro, 23 de Dezembro de 1911.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

Regulão.

O escrivão do 5.º officio,

Julio Homem de Carvalho Christo.

OVOS PARA INCUBAÇÃO

No *Novo Aviario* da rua da Fabrica, d'esta cidade, pertencente a Severiano Ferreira, vendem-se ovos para incubação, provenientes das melhores raças de gallinhas estrangeiras, e cujos exemplares pódem ser vistos todos os dias das 10 horas da manhã em deante.

Enviam-se tabellas dos preços.

Annuncio

(2.ª publicação)

Silverio Ribeiro da Rocha e Cunha, 1.º Tenente de Marinha e capitão do porto de Aveiro:

FAÇO saber que a partir do dia 15 do corrente se acha aberto n'esta Capitania o concurso para a construcção de duas bateiras destinadas ao serviço de fiscalisação da ria, segundo as condições que se pódem ver na mesma Capitania em todos os dias uteis desde as 9 horas e meia ás 15 horas e meia.

Os individuos que desejarem concorrer deverão entregar as suas propostas em carta fechada, lacrada e sellada, no edificio da Capitania até ás 15 horas do dia 25 do corrente.

A importancia do deposito provisorio que deverá ser feito até ás 12 horas do dia 26 do corrente no edificio da Capitania, é de 2$250 réis.

A abertura das propostas terá logar no edificio da Capitania ás 15 horas e meia do referido dia 26 do corrente.

Só poderão ser admittidos a concurso os individuos que exerçam a profissão de constructor de barcos.

Capitania do porto de Aveiro, 11 de Janeiro de 1912.

O capitão do porto,

Silverio Ribeiro da Rocha e Cunha.

ANNUNCIO

(2.ª publicação)

POR este juizo, cartorio do escrivão Albano Pinheiro e nos autos de inventario orphanologico a que se procede por obito de Anna Ferreira Marques, casada e moradora que foi n'esta cidade e no qual serve de inventariante o seu viuvo Pompeo de Carvalho Lopes, correm editos de trinta dias, a contar da segunda e ultima publicação d'este, citando para todos os termos até final do referido inventario, afim de deduzirem os seus direitos, querendo, os credores José Bento Pereira & Companhia e Manoel Marques de Oliveira, do Porto, este pela quantia de tres mil tresentos e sessenta réis e aquelle pelas de quarenta e um mil nove centos e setenta réis e quinhentos mil réis, Antonio Joaquim Abrantes, de Lisboa, pela quantia de treze mil sete centos e trinta réis e Domingos José de Sá, de Braga, pela quantia de onze mil e oito centos réis.

Aveiro, 2 de dezembro de 1911.

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Regalão.

O escrivão do 3.º officio,

Albano Duarte Pinheiro e Silva.

Editos de 30 dias

(1.ª publicação)

NO Juizo de Direito d'esta comarca e cartorio do escrivão do quarto officio, Flamengo, se processam e correm seus devidos e legaes termos, uns autos de acção especial intentados nos termos do decreto de vinte e nove de maio de mil novecentos e sete e em que são auctores Joaquim Manoel Justino e mulher Maria Dias Baptista, elle carpinteiro e ella jornaleira, residentes no logar e freguezia de Cacia d'esta comarca, e reus Antonio Marques Junior e mulher Maria Andrade de Almeida, elle padeiro ausente em parte incerta para os lados de Lisboa, e ella domestica, residente n'aquella freguezia de Cacia. Na petição inicial os auctores alegam: que são donos e possuidores de uma morada de casas t rreas com aido de terra lavradia a partir do norte com os reus, do sul com David Rodrigues da Silva, do nascente com a rua do Espir to Santo, e do poente tambem com os mesmos reus e aquelle David; que os reus são donos e possuidores tambem de umas casas terreas e aido, que tudo parte do norte com Manoel Matheus, do sul com os auctores David Rodrigues da Silva, do nascente com a rua do Espirito Santo, e do poente com Manoel José Pereira; que estes dois predios constituiram um e uno e por isto quando foi da divisão a parede norte da casa dos auctores ficou sendo meeira dos reus; que os auctores resolveram levantar a sua casa, fazendo-lhe um primeiro andar e porque a parede meeira não aguentasse o alçado fizeram-na toda de novo, elevando-a depois acima do ponto em que tambem pertencia aos reus a fim de aguentar o alçamento; que pela lei os reus feita esta obra como está, teem direito a haver meação na parede nova desde que contribuam com metade da despeza feita, mas os reus não quizeram saber da sua obrigação, nada pagaram, nada inquiriram sobre o preço que deviam, e começaram a usar da parede, fazendo-lhe buracos para metter traves para o madeiramento e para o soalho de uma casa de uma só ala que fizeram no seu predio; que n'estes termos devem os reus ser condemnados a pagar metade da despeza feita com a construcção da parede e que se liquidar em execução de sentença ou a retirar as traves que metteram na parede, reconstruindo-a, não a usando jámais, e em qualquer caso nas custas e procuradoria.

Assim, correm editos de trinta dias a contar da segunda e ultima publicação d'este no *Diario do Governo*, chamando e citando o reu marido, referido Antonio Marques Junior, padeiro, ausente em parte incerta para os lados de Lisboa, para, no praso de dez dias immediato ao dos editos, impugnar o pedido sob pena de ser condemnado e dos ulteriores termos da acção para os quaes fica tambem citado, tudo nos termos do referido decreto de vinte e nove de maio.

Aveiro, 22 de janeiro de 1912.

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Regalão.

O escrivão do 4.º officio,

João Luiz Flomengo.

EDITAL

Luiz de Brito Guimarães, presidente da Camara Municipal do concelho d'Aveiro

FAÇO saber que, por espaço de 30 dias a contar da publicação d'este no *Diario do Governo*, se acha aberto concurso, documental, para o preenchimento do logar de ajudante da directora da secção José Estevam do Asylo-Escola Districtal de Aveiro, com o ordenado de 60$000 reis annuaes, aposentadoria no edificio do mesmo Asylo e um subsidio para prato, em genero e em dinheiro.

As concorrentes deverão apresentar os seus requerimentos na fórma legal, demonstrando estarem habilitadas, por diploma ou inscripção, a reger a cadeira primaria d'aquella instituição.

Aveiro e Secretaria Municipal 22 de janeiro de 1912.

O Presidente,

Luiz de Brito Guimarães.

A Colossal
DE
Mamodeiro

—(*)—

Fazendas, mercearias, muidezas, tintas, oleos e ferragens.
Grandes depositos de adubos chimicos para todas as culturas.
Arames para ramadas. Arames farpados para vedações.
Sulfato de cobre e enxofre.
Cimento **Portland.**
Batata de 1.ª qualidade para sementeiras, e muitos outros artigos.

Virgilio Souto Ratola

Bicycletas, Relojoaria e Accessorios

Officina de concertos e pintura. AGENTE da melhor bicycletta ingleza

HOBART

Alugueis de bicyclettas. Concertos em relogios.

POMPILIO RATOLLA
AVEIRO

Francisco A. Meyrelles

Praça Luiz Cypriano
AVEIRO

Armazem de mercearia

Generos de primeira qualidade
Vinhos finos e licores
Especialidade em Chá e Café
Figo do Algarve

Agua do Barreiro
(BEIRA ALTA)
(Na Serra do Caramulo)

Unico remedio natural que cura radicalmente a ANEMIA, a CHLOROSE, as doenças do estomago, etc., etc., como se pode provar com attestados da maxima confiança que se acham patentes ao respeitavel publico no deposito geral.

RUA GARRETT, 76 E 78

Unico agente em Aveiro

FRANCISCO MEYRELLES

COLLEGIO MODERNO
PRAÇA MARQUEZ DE POMBAL
AVEIRO

A direcção d'este collegio, montado nas melhores e mais modernas condições pedagogicas, de hygiene e de conforto, para o que possue pessoal habilitado e casa no ponto mais salubre da cidade, recebe todas as meninas que procurem casa de educação e ensino, garantindo-lhes a melhor installação e as melhores condições de aproveitamento.

ESTAÇÃO DE INVERNO

A ELEGANTE

Fazendas e modas
Camisaria e gravataria
DE
POMPEU DA COSTA PEREIRA
Rua de José Estevam, 52 e 54
Rua de Mendes Leite, 1, 3 e 5
AVEIRO

O proprietario d'este estabelecimento participa ás suas Ex.mas clientes e ao publico em geral, que acaba de receber um enorme e variado sortimento de fazendas e outros artigos proprios da presente estação.

Preços modicos

A Democrata
FABRICA DE BOLACHAS E BISCOITOS

Armazem de mercearia por junto.
Gazolina, carboneto e outros artigos.
Especialidade em café e chá.
Descontos a revendedores.
Seriedade nas transacções.

MANOEL FERREIRA FELIX

Aveiro — Avenida Bento de Moura.
Filial no Porto—Rua Bellomonte, 13 a 15.

Padaria Macedo
PRAÇA DO COMMERCIO
AVEIRO

Esta casa tem á venda pão de primeira qualidade, bem como pão hespanhol, dôce bijou abiscoitado, e para diabeticos. De tarde, as deliciosas padas.
Completo sortimento de bolachas das principaes fabricas da capital, massas alimenticias, arroz, chá de diversas qualidades, assucares, esterina, vinhos finos.
Café, especialidade d'esta casa, a 720 e 600 réis o kilo.

AOS MESTRES D'OBRAS

Lixas de todas as qualidades, rivalisando com as estrangeiras em preço e duração.
Fabrico pelos processos mais aperfeiçoados.
Unica fabrica no paiz.

BRITO & C.ª
Sôza—Aveiro.

LIVRARIA CENTRAL E PAPELARIA
— DE —
BERNARDO DE SOUZA TORRES
Praça do Commercio
AVEIRO

Livraria, papelaria, e officina de encadernação.
Grande sortido de papeis nacionaes e estrangeiros.
Objectos para escriptorio, desenho e pintura.
Tabacos nacionaes e estrangeiros.
Livros em branco para escripturação commercial.
Artigos para brindes.
Chá em pacotes.
Deposito de tintas para escrever, marca D. Pedro IV.
Fornecimentos para escolas.
Sempre novidades em bilhetes postaes illustrados e com vistas d'Aveiro.
Cervejas e gazozas.
Cordas para instrumentos.
Carimbos de borracha, metal e sinetes para lacre.
Sabonetes nacionaes e estrangeiros.
Pós e pasta para dentes.
Loções para o cabello e perfumarias.

AGENCIA DE JORNAES.

Ricardo da Cruz Bento
PRAÇA DO PEIXE
AVEIRO

Estabelecimento de mercearia, azeite, bolachas, vinhos finos e de meza.
Breu preto, louro e cru.
Azeite de peixe.
Utensilios para amanho de barcos.
Cordoame e poleame.
Licores e aguardente.
Papelaria,
objectos de escriptorio e diversas miudezas.

A Liberdade
JORNAL REPUBLICANO D'AVEIRO

Nada se publica referente á vida particular do cidadão.

Assignaturas

Anno (Portugal e colonias)	1$200 réis
Semestre	600 »
Brazil (anno) moeda forte	2$500 »
Avulso	20 »

Annuncios

Por linha	40 réis
Repetições	30 »
Communicados	20 »

Permanentes — contracto especial.

Hotel Cysne
Rua 5 d'Outubro
AVEIRO

Magnifica instalação. Casa apropriada, junto á ria.
Asseio e limpeza.
PREÇOS MODICOS

"ULTRAMARINA,,
COMPANHIA DE SEGUROS
CAPITAL 500:000$000 réis

Seguros maritimos e terrestres.
Seguros postaes.

Agente em Aveiro,
A. H. Maximo Junior.
Rua Direita— AVEIRO

DEPOSITO DE MOVEIS, COLCHOARIA E MARCENARIA
=DE=
Francisco Casimiro da Silva
COJO—AVEIRO

—=(*)=—

Sortido completo em mobilias, louças, camas, tapetes, etc.
Officina montada para execução de colchões, com pessoal habilitado.
Todos os artigos para mobilar casas.
Officina, a melhor no genero, de marceneiro.
Executa-se qualquer mobilia por catalogos.
Espelhos e christaes = Louças finas e bijouterias.

Preços modicos

MERCEARIA E CONFEITARIA

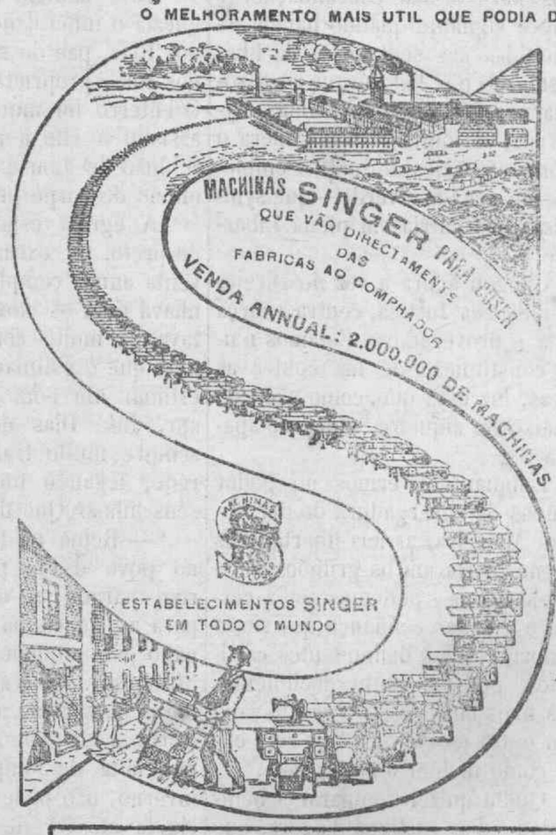
Especialidade em vinhos do Porto e Madeira, cognacs e outras bebidas.
Variado sortido de fructas seccas, queijos e chocolates.
Bolachas nacionaes e estrangeiras.
Chá e café de qualidade superior.

DOMINGOS PEREIRA GUIMARÃES
Rua José Estevam—AVEIRO

ALBERTO JOÃO ROSA
RUA DIREITA
AVEIRO

GRANDE ARMAZEM DE DROGAS E FERRAGENS
Tintas e oleos de primeira qualidade.
Vidraça, cobre, chumbo e arame.
Adubos chimicos e organicos.
Sulphato e enxofre.

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER
SINGER
MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

AVEIRO—Avenida Bento de Moura; **ILHAVO**—Praça da Republica; **OVAR**—Rua Elias Garcia, 4 e 5.